

Artigo Original

ARTETERAPIA INSTITUCIONAL: AMPLIANDO AS FRONTEIRAS DAS TRANSFORMAÇÕES

INSTITUTIONAL ART THERAPY: EXPANDING THE FRONTIERS OF TRANSFORMATION

Maria Angela Gaspari

Resumo: Neste artigo será abordada a eficácia do trabalho arteterapêutico com um grupo de adolescentes estigmatizados por apresentarem dificuldades de aprendizagem somadas à inadequação de comportamento. Essa situação, reforçada pelo estigma a que estão muitas vezes sujeitos, leva à construção de uma auto-imagem de menor valia, impedindo a livre expressão de si mesmo não apenas nas situações de aprendizagem. Tornam-se pessoas acuadas pelo medo de errar e não participantes do meio como seres autônomos e criativos. O trabalho arteterapêutico com esse grupo de adolescentes surpreendeu, visto que seus resultados tiveram um alcance maior do que o esperado, pois diretores, coordenadores, educadores, voluntários e colegas dos adolescentes puderam enxergá-los além dos rótulos.

Palavras Chave: adolescentes, estigma, criatividade, autonomia.

Abstract: This article assesses the efficacy of art-therapeutic work in a group of teenagers stigmatized for their learning disabilities and behavioral inadequacies. Such negative stigma and self-image impairs free self-expression not only in learning situations; such teenagers are prone to become overly concerned with negative feedbacks and tend to withdraw from social settings that value autonomy and creativity. Art-therapy has induced

positive results in dealing with negative expectations not only from the subjects themselves, but from peers, relatives, teachers and other significant others in their milieu.

Keywords: teenagers, stigma, creativity, autonomy.

Uma reflexão mesmo que tardia sobre o trabalho arteterapêutico realizado com adolescentes em situação de risco, freqüentadores de uma instituição educacional de apoio a essa população fora do período escolar, tornou-se agora possível. Caminhar novamente por aquelas veredas tão cheias de pedras das quais foi possível tirar vida foi de extrema importância para relacionar prática e teoria e, assim, compartilhar aprendizados que podem servir como orientação para trabalhos futuros.

Recebida pela diretora da instituição que se mostrou muito aberta para um trabalho que ainda não conhecia, mas que a maravilhou de imediato, pedi que selecionasse de seis a oito adolescentes na faixa etária de 11 a 15 anos, para começarmos a realizar as oficinas de Arteterapia, que se estenderam por um período de um ano e meio, incluindo a oficina discutida neste artigo.

Desde esse primeiro contato ouvi colocações tais como: “coitada da A, ficou com os piores do espaço”. No entanto, convivendo com eles durante as oficinas, comecei a estranhar tais comentários, uma vez que não conseguia reconhecer aqueles meninos, e eram todos meninos, como “os piores”, como aqueles que não aprendem e se comportam mal. Pude sim reconhecer em seus gestos, seus olhares, suas expressões, suas posturas corporais e em seus silêncios, algo que me intrigou muito: pareciam carregar o fardo do não pertencimento. Pareciam alheios a tudo que se passava ao redor, evitando colocar-se de forma ativa, participante. A meus olhos, pareciam também alheios a si mesmos, não tendo consciência de qualquer potencial que pudessem ter dentro deles.

Em nossos encontros diziam: “tudo que acontece aqui é nós que faz”. Era possível perceber que carregavam em seus corpos uma marca sutil que os depreciava, um **estigma** que os fazia diferentes dos outros, excluídos dos outros, dos “normais”.

Goffman (2004, p. 3), pioneiro em desenvolver o conceito de estigma do ponto de vista social, define estigma como “a inabilidade de uma pessoa de ser aceita plenamente pela sociedade”.

Siqueira e Cardoso (sem data) relatam que no Brasil há poucos trabalhos que se preocupam com o conceito do estigma propriamente dito, restringindo-se a reflexões sobre a prática da estigmatização. Esses dois autores fazem um estudo da obra de Goffman (1991), comparando o conceito por ele desenvolvido com reflexões de autores que mantiveram, modificaram ou ampliaram o conceito original do estudioso, tendo como um dos focos do estudo, os efeitos do estigma na construção da subjetividade do sujeito. Concluem que as mais diversas pesquisas mostram que o estigma traz conseqüências não benéficas para a vida do indivíduo, uma vez que sua identidade sofre deteriorização por não se incluir no que a sociedade institui como normal e natural.

Goffman (2004) refere-se à existência de duas personalidades em pessoas vítimas de estigmas, a virtual, criada por parâmetros sociais de categorização e rol de atributos esperados, e a real, criada por atributos que um indivíduo mostra possuir, sugerindo que poderia haver uma discrepância entre essas duas identidades. Afirma que, “Quando conhecida ou manifesta, essa discrepância estraga a sua identidade social; ela tem como efeito afastar o indivíduo da sociedade e de si mesmo de tal modo que ele acaba por ser uma pessoa desacreditada frente a um mundo não receptivo” (GOFFMAN, 2004, p. 20).

No caso da população deste estudo, pode-se dizer que é esperado que um adolescente já tenha desenvolvido as habilidades de leitura e escrita, e que, quando tal

não acontece, há a construção de uma identidade real discrepante da virtual, ou seja, daquela que é esperada pela sociedade. Tal situação pode dar origem a uma postura de desvalorização da pessoa nos diferentes grupos aos quais pertence, evidenciada pelo uso de rótulos como resposta a atributos negativos percebidos, gerando pessoas “doentes”. Podemos dizer que ela perde a noção de sua totalidade como pessoa, fixando-se naquilo que lhes falta e que é valorizado pelo olhar do outro.

Moyses e Collares (2006, p. 29) afirmam que “a criança estigmatizada incorpora os rótulos, introjeta a doença. Passa a ser psicologicamente uma criança doente, com consequências previsíveis sobre sua autoestima, sobre seu autoconceito e, aí sim, sobre sua aprendizagem”.

Isso considerado, perguntei-me sobre como conduzir o trabalho arteterapêutico, de forma a facilitar a reconstrução de uma identidade mais próxima da realidade dos adolescentes, uma vez que era evidente o seu isolamento do mundo e de si mesmos. Quais potenciais estariam escondendo sob a capa de vítimas da estigmatização? Qual seria o caminho para um encontro com um Eu verdadeiro, incluindo a dificuldade como uma falha ocorrida durante o desenvolvimento, passível de ser superada e não como algo inerente a eles?

Antes de iniciar o trabalho arteterapêutico foi realizada uma avaliação com base nas queixas da diretora, na observação da conduta dos adolescentes em outras atividades e na habilidade de cada um em manusear e criar um objeto. Em um espaço diferente daquele em que se sentiam avaliados, rotulados, onde, confiando, puderam mostrar-se a mim sem pressa, livres de um olhar preconceituoso ou avaliações prévias, foi possível observar a existência de:

1. Inércia em situações de aprendizagem, desinteresse;

2. Atitudes muitas vezes reativas na relação com adultos e colegas, gerando o que pode ser chamado de comportamento disruptivo;
3. Sentido muito profundo de suas inadequações e ausência da consciência de suas potencialidades;
4. Isolamento, tanto do meio externo quanto do interno: no primeiro, talvez por vergonha, e no segundo, por perda da noção da própria identidade;
5. Ausência de auto-expressão;
6. Ausência de autoconfiança e autoestima;
7. Bloqueio da criatividade.

Essas categorias de análise foram tiradas de um projeto sobre a dinâmica do processo criativo, idealizado por Leite (1994), implantado no Centro de Aprendizagem Vivencial em Brasília, que atende crianças em vulnerabilidade social.

É preciso deixar claro que, talvez por carência ou falta de alguém que até então olhasse para eles além dos rótulos, o vínculo se formou rapidamente. Foram atraídos, em maior ou menor grau, pelos diferentes materiais sobre os quais podiam agir de forma livre. A obra final, sempre respeitada, foi outro componente essencial para a criação do respeito mútuo.

Já nas primeiras experiências com os materiais na fase de avaliação, os participantes revelaram coragem e espontaneidade ao se colocarem no grupo, onde minha presença era sempre “a presença”, para que um ambiente de confiança fosse construído.

De acordo com Leite (1994, p. 207), “A manifestação primeira do potencial de criatividade de cada pessoa faz parte do estabelecimento de sua própria identidade,

desenvolvendo qualidades como audácia, coragem, liberdade, espontaneidade, perspicácia, integração e aceitação de si mesmo”.

Algo já estava se formatando e a Arteterapia surgia como um caminho bastante valioso para o resgate desses adolescentes para uma vida autônoma.

Dar a esses adolescentes um solo fertilizado especialmente para eles, no qual pudessem fixar as raízes de seus potenciais para que florescessem conforme os descobrissem e, então, existir como pessoas únicas e autônomas, seria o primeiro passo.

De meu ponto de vista, o método arteterapêutico, por suas características, presta-se perfeitamente a uma abordagem terapêutica que priorize aspectos saudáveis da pessoa, que ao longo do desenvolvimento foram mascarados pelas mais diversas razões.

Então, minha primeira decisão importante foi a de trabalhar o que havia de saudável dentro de cada um, por meio do desenvolvimento da criatividade, mesmo sabendo que danos estavam presentes, para que transformassem a percepção que tinham de si mesmos.

Do lugar específico de arteterapeuta, resgatei intuitivamente um conceito que me é muito caro, o do espaço da brincadeira de Winnicott (1975, p. 80), psiquiatra e psicanalista, segundo o qual “é no brincar e somente no brincar que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar de sua personalidade integral, e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)”.

É Parente (s/d, p. 27), psicanalista, quem coloca que

É brincando que se aprende a transformar e a usar os objetos do mundo para nele realizar-se e inscrever os próprios gestos, sem perder contato com a própria subjetividade. Por meio do brincar podemos manipular e colorir fenômenos externos com significados e sentimentos oníricos, além de podermos dominar a angústia, controlar idéias ou impulsos e, assim, dar escoamento ao ódio e à agressão. Brincar envolve uma atitude positiva diante da vida. Por meio do brincar podemos fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar, pois brincar é fazer. O brincar é uma

experiência que envolve o corpo, os objetos, um tempo e um espaço. É como a vida, tem início, meio e fim.

Ao se fazer arte no contexto terapêutico é possível brincar experimentando, criando com os materiais das artes plásticas, onde não cabem medos e tudo é possível.

O solo estava definido: a brincadeira com os mais diversos materiais das artes plásticas. Ao se colocarem livremente no final de cada roda de brincadeira, meu retorno era sempre algo como: então **você quis** fazer esse objeto, ou, fazer esse objeto **foi sua escolha...**, confirmando a existência de cada um a partir de suas próprias escolhas, escolhas feitas de acordo com a vontade, o desejo pessoal, que podiam ver concretizados na produção final.

Trabalhamos em diversas salas sem estrutura, na grama, no parque e na cozinha. Fomos inventando e brincando, uma brincadeira que foi dando a eles a oportunidade de “expressar o EU SOU, eu estou vivo, eu sou eu mesmo” (WINNICOTT, 1962, apud WINNICOTT, 1975, p.83).

Não havia preocupação em explorar conteúdos internos, mas sim permitir que os adolescentes dialogassem com os materiais e, com liberdade, descobrissem que podiam ser ao fazer. Eu sabia que as produções tinham um sentido que, quando necessário, eram acolhidos sim, mas limitei-me, na maior parte do tempo, a colher dados que na hora certa passariam a nortear o trabalho. Na verdade, durante todo o tempo eles me serviram para analisar os progressos e também criar situações com o fim de encontrar soluções para questões individuais, como a abertura de um atendimento extra para um dos adolescentes.

Brincamos durante muito tempo, e, em um dado momento, sugestões sobre o que fazer começaram a ser propostas pelos adolescentes, sugestões essas acatadas

prontamente. Construimos um robô com sucata, momento em que tiveram a ajuda do senhor que cuidava do espaço e sabia como adaptar um fio para colocar uma lâmpada na cabeça da máquina, fio que ligou cabeça e coração a pedido deles. Reformamos um pebolim ganho e que já estava desgastado, iniciando pelo projeto, verificando o que era preciso restaurar, qual material seria utilizado, planejando por onde começar e tudo o mais. Foi um trabalho árduo de lixar, pintar, pregar, utilizando materiais sem cor e de certo modo áridos. Quando o desânimo batia à porta, passávamos para técnicas artísticas, tais como mandalas de velas coloridas ou pintura com uso de massa acrílica como suporte.

Os resultados de suas experiências com os materiais foram melhorando e suas colocações tornavam-se cada vez mais pessoais, transformando-se em discursos sobre sonhos, desejos, futuro, descoberta de soluções para lá chegar. A autoconfiança e a autoestima melhoravam à medida que se descobriam.

Brincando trabalhamos pensamentos, sentimentos, sensações e intuições. Corpo, mente e alma.

É importante notar que, do ambiente restrito das salas onde trabalhávamos, os adolescentes começaram a ampliar seu espaço de atuação, podendo com o tempo mostrar-se e compartilhar suas realizações com os outros.

Essa etapa foi longa, pois para que o processo de criatividade se instale definitivamente é preciso tempo, assim como para o brincar (WINNICOTT, 1975).

Chegou então o momento em que decidi sugerir a confecção de máscaras gessadas no próprio rosto. Sabia que todo cuidado seria pouco, pois estaria sozinha com seis adolescentes.

A oficina de construção de máscaras gessadas

O objetivo primeiro dessa oficina foi o de propiciar a oportunidade de descoberta de personagens não conhecidos e que neles habitavam, personagens que poderiam ser portadoras de potenciais pessoais, ocultos ou esquecidos.

Discutimos muito sobre a técnica e os materiais e, sobretudo, refletimos sobre o cuidado com o outro, que deveria ser grande.

Ouvimos e conversamos sobre a canção Tanto Amar, de Chico Buarque, na interpretação de Ney Matogrosso, aqui reproduzida parcialmente:

Amo tanto e de tanto amar
Acho que ela é bonita.
Tem um olho sempre a boiar
e outro que agita

Tem um olho que não está
Meus olhares evita
E outro olho a me arregalar
Sua pepita.
A metade de seu olhar
Tá chamando pra luta, aflita
E metade quer madruguar
Na Bodeguita

Se os seus olhos eu for cantar
Um seu olho me atura
E outro olho vai desmanchar
Toda pintura

Ela pode rodopiar
E mudar de figura
A Paloma do seu mirar
Vira miura

É na soma de seu olhar
Que eu vou me conhecer inteiro
Se nasci pra enfrentar o mar ou faroleiro.....

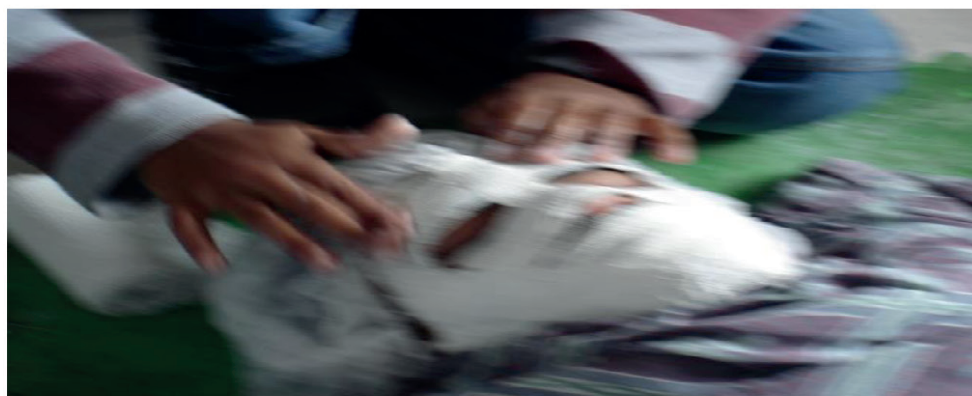
A confecção

Seriam confeccionadas seis máscaras. Um deles não quis fazer, ficando como fotógrafo, tarefa que realizou com muita propriedade.

Era inverno, então criamos um lugar aconchegante, com tapete de EVA e edredons para aquecer. Providenciamos toucas e creme para o rosto. Exluímos a proteção nos olhos, por escolha deles mesmos.

Encarreguei-me da confecção de uma delas e, quando necessário, auxiliei um ou outro que encontrava alguma dificuldade. Essa etapa transcorreu muito calmamente, não tendo ocorrido nenhum incidente.

Observando as fotos abaixo, podemos perceber a delicadeza das mãos desses adolescentes ao colocarem os pedaços de faixa molhada no rosto de seus pares. O clima era de confiança total uns nos outros.



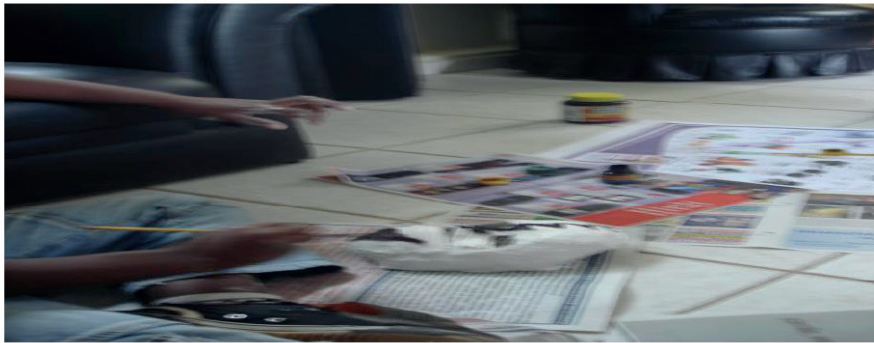


A pintura

Foi o momento em que os adolescentes sugeriram pintar **monstros**, quando, impactada, perguntei-me onde iríamos chegar e busquei supervisão.

Segundo Stein (2006, p. 110), “máscara ou persona, que é a pele psíquica entre o ego e o mundo, é não só um produto de interação com objetos, mas inclui também as projeções do indivíduo nesses objetos. Adaptamo-nos ao que percebemos que as outras pessoas são e ao que querem. *Isso pode ser consideravelmente diferente de como as outras pessoas nos veem ou se veem a si mesmas*”. (grifo meu).

Aí parecia estar a intenção, mesmo que não consciente, dos adolescentes: registrar o “COMO SOMOS VISTOS PELOS OUTROS” e, portanto, “COMO NOS VEMOS”, o que provocou o recolhimento de nosso EU, pela produção da dor.



Os autores das máscaras não quiseram conversar nesse momento, apenas perguntaram se podiam fazer a CASA DOS MONSTROS para a festa Junina que se aproximava.

Sugeri que se dirigissem à diretora, que prontamente aquiesceu, disponibilizando uma sala de aula para a instalação do projeto. A única orientação dada foi que, ao final do evento, a sala fosse devolvida no estado em que havia sido encontrada. O humano, com suas ambigüidades, aparece: ao mesmo tempo em que desacreditavam desses adolescentes, abriam espaço, e com amor, para que realizassem seu desejo.

Os jovens trabalharam incansavelmente por três manhãs, num ambiente de ótima convivência. Discutiram e planejaram o que e como fazer, compartilhando idéias sobre

assuntos a serem abordados e materiais a serem usados. Recolheram sucata no caminho de casa, compramos o que faltava. Criaram personagens. No dia da festa, colegas pediram para participar, sendo então permitido que distribuíssem os bilhetes de entrada e organizassem a fila. Mas na casa, tal como os outros, entrariam como convidados. A obra era do grupo da Arteterapia! Nem mesmo eu ajudei na montagem ou nas decisões tomadas. A energia era muita. Compraram outras máscaras para decoração. No dia, pintaram seus rostos, o que possibilitou uma grande aproximação entre eles e os pares, pela ajuda mútua. A fila que se formou foi longa e foi dada prioridade de visitação ao corpo administrativo e funcionários.





A casa dos monstros

As outras atividades programadas para a festa tornaram-se desinteressantes.

Agora, vamos deixar que as imagens falem.

Fora



Dentro



Cena final



O tempo transcorreu com trabalho e alegria e, no meio da manhã, sem que eu esperasse, a diretora, a assistente social e duas voluntárias aproximaram-se de mim dizendo: “A, que coisa incrível o que esses garotos fizeram. Nunca pensamos que fossem capazes” de tal feito. Pedi, então, que na primeira oportunidade dissessem a eles. Eram eles que precisavam ouvir tal colocação para poder dizer: “AGORA ESTAMOS SENDO VISTOS POR NOSSOS POTENCIAIS”.

Assim que terminou a festa, iniciaram a limpeza e a organização do material usado, etapa em que ajudei por saber o quanto estavam emocionados e cansados. Tudo ficou em seu lugar.

No final, fizemos um ritual em torno de uma mesa provida com alimentos do dia e uma vela acesa no centro. Estávamos agora praticamente sozinhos e cada um pode dizer o que sentiu, como se sentia no momento e agradecer. Alimentados de corpo e alma, seguimos para casa.

O atendimento ao grupo continuou por mais seis meses, tempo em que o trabalho foi direcionado para questões específicas, compartilhadas pelo grupo ou individuais.

Resultados

Foi possível observar que com o trabalho arteterapêutico, os adolescentes conseguiram:

- Acrescentar dados positivos a identidade;
- Descobrir seus potenciais;
- Criar coragem para expressar seus desejos e incômodos;
- Melhorar sua autoconfiança e auto-estima, podendo, agora, colocar-se sem medo de errar e assumindo as conseqüências de suas escolhas;
- Sociabilizar-se, integrando-se a outras pessoas do espaço, adultos e pares.

A transformação irradiou-se por todo o espaço. O corpo docente reconheceu nesses adolescentes, potenciais que não sabiam existir passando a dar a eles atenção individual em sala de aula, como forma de ajudá-los em suas dificuldades de aprendizagem. Pode-se dizer que a imagem de monstro se despotencializou, dentro e fora deles, permitindo que seguissem na vida com mais força interior.

Considerações finais

Ter disponibilizado para esses jovens um espaço arteterapêutico como uma área para o brincar, com os materiais de artes plásticas, ajudou-os a entrar em contato profundo com a própria criatividade, fazendo-os enxergar novas possibilidades de ser, a

partir do ser único que cada um é, ativo e capaz de agir no mundo a favor de si próprio, dos outros e do ambiente em que vivem.

Conforme se transformavam e criavam coragem para se colocar, seu espaço de atuação ampliou-se a ponto de modificar o olhar daqueles que antes os estigmatizavam, colocando-os em um novo lugar na vida. Mudanças dentro e fora, em um tempo longo e em um espaço definido, em um ambiente de confiança e acolhimento amoroso, foram alcançadas. O que se pode esperar é que essas transformações se irradiem para outros espaços e tempos que virão. A luta desses jovens não é fácil, mas pode ser ganha.

Que essa experiência com o criativo, sirva de âncora para eles nos momentos difíceis, mantendo-os no lugar que descobriram ter direito a ocupar. Afinal, puderam dizer: “EU SOU, EU FAÇO, SOU RECONHECIDO DE FORMA POSITIVA E, COMO TAL, POSSO ME RECONHECER”.

Data de recebimento: 26 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 24 de Novembro de 2015.

Referências

COLLARES C. A. L. e MOYSES, M. A. P. **A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico**. Disponível em <http://www.emariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias>, acesso em 23.10.2015.

GOFFMAN, E. **Estigma** – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/92113/mod_resource/content/1/Goffman%3B%20Estigma.pdf, acesso em 23.10.2015.

LEITE, E., Dinâmica Evolutiva do Processo Criativo. In: VIRGOLIM, A. M. R e ALENCAR, E. M. L. S. (orgs.) **Criatividade-Expressão e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro. Ed. Petrópolis, 1994.

PARENTE, S. M. B. A., A Criação da externalidade do mundo. In: **Viver Mente e Cérebro**, Coleção Memórias da Psicanálise. Duetto, edição especial, n 05.

SIQUEIRA R C e CARDOSO Jr. H R., **Discussão conceitual de estigma aludindo o conceito fundador de Goffman e de autores que pautaram em suas idéias**. Disponível em <http://www.fundepe.com/novo/ivsief/trabalhos>, acesso em 28.09.2015.

STEIN, M. **Jung, O Mapa da Alma**: uma Introdução. São Paulo. Cultrix, 2006.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro. Imago, 1975.